



ANTONIO CARLOS DIEGUES

O MITO MODERNO
DA NATUREZA
INTOCADA

HUCITEC
3.ª EDIÇÃO

Orelha da Capa:

O Mito Moderno da Natureza Intocada trata das relações simbólicas e do imaginário entre o homem e a natureza, tendo como centro da análise as áreas naturais protegidas. No mundo em que a civilização urbano-industrial desenvolveu conhecimentos científicos, tecnologias e também meios poderosos de devastação da natureza, rompendo antigas alianças que ligavam o homem à natureza, os mitos ainda continuam vivos. Um desses mitos modernos, originário dos países industrializados, se refere às áreas naturais protegidas, consideradas pelo ecologismo preservacionista como o paraíso, um espaço desabitado, e que a natureza deve ser conservada virgem e intocada. Sucede que esse mito se confronta com outros mitos e simbologias que as populações tradicionais moradoras de parques nacionais protegidos (indígenas, pescadores artesanais, ribeirinhos) têm em relação ao mundo natural. Esse trabalho é também fruto de pesquisas e reflexões sobre o papel da diversidade sócio-cultural e diversidade biológica na afirmação da necessidade de se encontrar uma relação mais harmoniosa entre o homem moderno e a natureza.

Capa: J. M. Rugendas, "Forêt vierge pres Manqueritipa, dans la province de Rio de Janeiro", in *Malerische Reise in Brasilien*, 1835.

Orelha da 4ª capa:

Antonio Carlos Sant'Ana Diegues é professor da Universidade de São Paulo, no Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental e no Departamento de Economia e Sociologia Rural da ESALQ. É também coordenador científico do NUPAUB — Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, da Universidade de São Paulo. Trabalhou vários anos na ONU, em Genebra e em Roma, onde através de contínuas viagens à Ásia, África e América Latina obteve amplo conhecimento das condições ambientais e das populações humanas desses continentes. Como diretor do NUPAUB, organizou vários projetos de pesquisa de caráter interdisciplinar nas regiões litorâneas, Pantanal e Amazônia, em colaboração com várias universidades brasileiras e organizações internacionais. É autor de vários livros, entre os quais *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar* (Ática, 1983), *O Nosso Lugar Virou Parque* (NUPAUB, 1994), *Povos e Mares* (NUPAUB, 1995) e *Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras* (NUPAUB, 1996).

4ª capa:

O mito moderno da natureza intocada trata das relações entre o ser humano e o mundo natural neste final de século, marcado por processos globais que têm levado a uma crescente degradação ambiental. Nesse contexto, as sociedades ocidentais, e sobretudo parte dos movimentos ambientalistas, têm criado mitos e representações simbólicas que têm por objetivo estabelecer ilhas intocadas de florestas, os parques e reservas naturais onde a natureza pudesse ser admirada e reverenciada. O livro analisa as várias concepções sobre o mundo natural, o papel das culturas e os debates atuais sobre as formas mais adequadas de proteger a diversidade biológica e a sócio-cultural.

visite nosso site www.hucitec.com.br

NUPAUB — Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações
Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras—USP Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo
Comissão Editorial do NUPAUB

Yvan Breton

(Université Laval, Canadá),

Patrick Dugan

(UICN, Suíça),

AzizAb'Saber

(IEA-USP),

Lourdes Furtado

(Museu Emílio Goeldi),

Alex F. Mello (Universidade Federal do Pará),

Paulo Sodero

(ESALQ-USP),

Paulo Freire Vieira

(Universidade Federal de Santa Catarina), Waldir Mantovani

(USP),

Simone Maldonado

(Universidade Federal da Paraíba),

Antonio Carlos Diegues

(coordenador - USP).

Endereço NUPAUB

Rua do Anfiteatro, 181 - Colméia - Favo 6

Universidade de São Paulo - Butantã

05508-900 São Paulo - SP - Brasil

Tel: 00-55 (11) 818 3425 Fax: 00-55 (11) 813 5819

www.nupaub.usp e-mail: nupaub@org.usp.br

ANTONIO CARLOS SANTANA DIEGUES
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo

O MITO MODERNO DA NATUREZA INTOCADA

3.^a EDIÇÃO

EDITORA HUCITEC

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA SOBRE POPULAÇÕES HUMANAS E ÁREAS ÚMIDAS
BRASILEIRAS/USP

São Paulo, 2001

© Direitos autorais, 1996, de Antonio Carlos Sant'Ana Diegues. Direitos de publicação reservados pela Editora Hucitec Ltda., Rua Gil Eanes, 713 - 04601-042 São Paulo, Brasil. Telefones: (11)240-9318. Vendas: (11)543-5810. Fac-símile: (11)530-5938. E-mail: hucitec@terra.com.br Home-page: www.hucitec.com.br

Foi feito o depósito legal.

A primeira edição deste livro, de 1.300 exemplares, foi publicada, em 1994, pelo NUPAUB-USP — Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, da Universidade de São Paulo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Sandra Regina Vitzel Domingues)

D559mi Diegues, Antonio Carlos Santana

O mito moderno da natureza intocada / Antonio Carlos Santana Diegues. — 3.^a ed. — São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

Bibliografia: p. 161. ISBN 85-271-0345-1

1. Ecologia 2. Ecologia - Aspectos políticos 3. Natureza Preservação 4. Proteção Ambiental I. Título.

CDD - 574.5

304.2

Índice para catálogo sistemático:

| | |
|--|-------|
| 1.Ecologia: Meio Ambiente | 574.5 |
| 2.Política Ambiental: Ecologia: Sociologia | 304.2 |
| 3.Preservação Ambiental: Natureza | 574.5 |
| 4.Ecologia: Proteção Ambiental | 574.5 |

Para João e Ana Paula, fruto de sonhos antigos e que, crianças, ainda brincam com unicórnios azuis nos parques do mundo.

Sumário

| | |
|---|----|
| PREFÁCIO | 11 |
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| | |
| 1.O SURGIMENTO DO MOVIMENTO PARA A CRIAÇÃO DE ÁREAS NATURAIS PROTEGIDAS NOS ESTADOS UNIDOS E SUAS BASES IDEOLÓGICAS | 23 |
| • HISTORIA DA NOÇÃO DO MUNDO SELVAGEM (<i>WILDERNESS</i>) | 23 |
| • Conservacionismo dos Recursos Naturais <i>versus</i> Preservacionismo nos Estados Unidos 28 | |
| - <i>A CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS</i> | 29 |
| - <i>O PRESERVACIONISMO</i> | 30 |
| | |
| 2.DA CRÍTICA À EXPORTAÇÃO DO MODELO DE PARQUES NACIONAIS NORTE-AMERICANOS | 35 |
| | |
| 3.ESCOLAS ATUAIS DE PENSAMENTO ECOLÓGICO E A QUESTÃO DAS ÁREAS PROTEGIDAS | 39 |
| • A ECOLOGIA PROFUNDA (<i>DEEP ECOLOGY</i>)..... | 44 |
| • ECOLOGIA SOCIAL..... | 45 |
| • ECO-SOCIALISMO/MARXISMO..... | 47 |
| | |
| 4.OS MITOS BIOANTROPOMÓRFICOS, OS NEOMITOS E O MUNDO NATURAL | 53 |
| • Os MITOS BIOANTROPOMÓRFICOS | 54 |
| • Os MITOS MODERNOS: OS NEOMITOS | 57 |
| • A CONTEMPORANEIDADE DOS MITOS BIOANTROPOMÓRFICOS E DOS NEOMITOS | 61 |
| | |
| 5 AS REPRESENTAÇÕES DO MUNDO NATURAL, O ESPAÇO PÚBLICO, O ESPAÇO DOS "COMUNITÁRIOS" E O SABER TRADICIONAL | 63 |
| | 63 |
| • As REPRESENTAÇÕES DO MUNDO NATURAL E AS CULTURAS TRADICIONAIS | 63 |
| AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO: O ESPAÇO PÚBLICO, O ESPAÇO DOS "COMUNITÁRIOS" NAS ÁREAS NATURAIS PROTEGIDAS | 65 |
| A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, OS SABERES E O PODER | 69 |
| | |
| 6.AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS: CONCEITOS E AMBIGÜIDADES | 75 |
| • Os CONCEITOS DE CULTURA EM SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA EM ALGUMAS ABORDAGENS ANTROPOLÓGICAS | 75 |
| - <i>A ECOLOGIA CULTURAL</i> | 75 |
| - <i>A ANTROPOLOGIA ECOLÓGICA</i> | 76 |
| - <i>AETNOCIÊNCIA</i> | 78 |
| - <i>A ANTROPOLOGIA NEOMARXISTA (OU ECONÔMICA)</i> | 78 |
| • CULTURAS E POPULAÇÕES TRADICIONAIS | 80 |
| • As DEFINIÇÕES DAS CULTURAS TRADICIONAIS | 87 |

| | |
|--|-----|
| •CULTURAS TRADICIONAIS E MUDANÇAS SOCIAIS..... | 91 |
| 7.HISTÓRICO DA NOÇÃO DE PARQUES NACIONAIS E O SURGIMENTO DAS PREOCUPAÇÕES COM AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DE MORADORES..... | 99 |
| 8.PARQUES NACIONAIS E CONSERVAÇÃO NO BRASIL | 111 |
| 9.O SURGIMENTO DA PREOCUPAÇÃO COM AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO BRASIL | 125 |
| •A PROTEÇÃO DA NATUREZA E OS NOVOS MOVIMENTOS ECOLÓGICOS | |
| BRASILEIROS | 125 |
| - <i>Os PRESERVACIONISTAS</i> | 125 |
| - <i>O AMBIENTALISMO COMBATIVO E DENUNCIADOR</i> | 126 |
| - <i>O ECOLOGISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS</i> | 130 |
| • As AGRESSÕES DOS MODOS DE VIDA TRADICIONAL E AS AMEAÇAS DE | |
| • DESORGANIZAÇÃO ECOLÓGICA E CULTURAL | 130 |
| • Os TIPOS DE MOVIMENTO DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS | |
| ÁREAS PROTEGIDAS | 136 |
| - <i>MOVIMENTOS AUTÔNOMOS LOCALIZADOS SEM INSERÇÃO EM</i> | |
| <i>MOVIMENTOS SOCIAIS AMPLOS</i> | 137 |
| a) <i>MOVIMENTOS LOCAIS ESPONTÂNEOS</i> | 137 |
| b) <i>MOVIMENTOS LOCAIS TUTELADOS PELO ESTADO</i> | 138 |
| c) <i>MOVIMENTOS LOCAIS COM ALIANÇAS INCIPIENTES COM ONGS</i> | 142 |
| - <i>MOVIMENTOS LOCAIS COM INSERÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS</i> | |
| <i>AMPLOS: AS RESERVAS EXTRATIVISTAS</i> | 146 |
| 10. POPULAÇÕES TRADICIONAIS E BIODIVERSIDADE..... | 149 |
| 11. CONCLUSÕES | 157 |
| BIBLIOGRAFIA | 161 |

Prefácio

O MODELO de criação de áreas naturais protegidas, nos Estados Unidos, a partir de meados do século XIX, se constitui numa das políticas conservacionistas mais utilizadas pelos países do Terceiro Mundo. Parte da ideologia preservacionista subjacente ao estabelecimento dessas áreas protegidas está baseada na visão do homem como necessariamente destruidor da natureza. Os preservacionistas americanos, partindo do contexto de rápida expansão urbano-industrial dos Estados Unidos, propunham "ilhas" de conservação ambiental, de grande beleza cênica, onde o homem da cidade pudesse apreciar e reverenciar a natureza selvagem. Desse modo, as áreas naturais protegidas se constituíram em propriedade ou espaços públicos.

A transposição desses espaços naturais vazios em que não se permite a presença de moradores, entrou em conflito com a realidade dos países tropicais, cujas florestas eram habitadas por populações indígenas e outros grupos tradicionais que desenvolveram formas de apropriação comunal dos espaços e recursos naturais. Mediante grande conhecimento do mundo natural, essas populações foram capazes de criar engenhosos sistemas de manejo da fauna e da flora, protegendo, conservando e até potencializando a diversidade biológica. Existe nesses países grande diversidade sócio-cultural responsável por séculos de manejo do mundo natural, que tem garantido a diversidade biológica. A imposição de neomitos (a natureza selvagem intocada) e de espaços públicos sobre os espaços dos "comunitários" e sobre os mitos bioantropomórficos (o homem como parte da natureza) tem gerado conflitos graves. Em muitos casos, eles têm acarretado a expulsão dos moradores tradicionais de seus territórios ancestrais, como exige a legislação referente às unidades de conservação restritivas. Na maioria das vezes, essas leis restringem o exercício das atividades tradicionais de extrativismo, caça e pesca dentro das áreas protegidas.

Mais recentemente, no Brasil, sobretudo após o período autoritário — quando se criou a maioria dessas áreas protegidas —, algumas populações tradicionais começaram a resistir à expulsão e à desorganização de seu modo de vida, recriando, à sua maneira, as formas de apropriação comum dos recursos naturais. Isso somente foi possível com o estabelecimento de alianças com movimentos sociais mais amplos (como o dos seringueiros), com organizações não-governamentais nacionais e internacionais, com a gradativa mudança do conceito de áreas naturais protegidas por entidades conservacionistas de âmbito mundial, como a UICN — UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA.

A proposta deste trabalho é justamente avaliar a importância fundamental, nos dias de hoje, da presença das populações tradicionais nas unidades de conservação em que vivem, por meio da criação de novos modelos de áreas protegidas.

Introdução

A CRIAÇÃO de parques e reservas tem sido um dos principais elementos de estratégia para conservação da natureza, em particular nos países do Terceiro Mundo.

O objetivo geral dessas áreas naturais protegidas é preservar espaços com atributos ecológicos importantes. Algumas delas, como parques, são estabelecidas para que sua riqueza natural e estética seja apreciada pelos visitantes, não se permitindo, ao mesmo tempo, a moradia de pessoas em seu interior.

A concepção dessas áreas protegidas provém do século passado, tendo sido criadas primeiramente nos Estados Unidos, a fim de proteger a *vida selvagem* (*wilderness*) ameaçada, segundo seus criadores, pela civilização urbano-industrial, destruidora da natureza. A idéia subjacente é que, mesmo que a biosfera fosse totalmente transformada, domesticada pelo homem, poderiam existir pedaços do *mundo natural* em seu estado primitivo, anterior à intervenção humana. No entanto, mais do que a criação de um espaço físico, existe uma concepção específica de relação homem/natureza, própria de um tipo de naturalismo, que Moscovici (1974) denomina de *naturalismo reativo*, isto é, uma reação contra a corrente dominante do *culturalismo*.

Para o naturalismo da proteção da natureza do século passado, a única forma de proteger a natureza

era afastá-la do homem, por meio de ilhas onde este pudesse admirá-la e reverenciá-la. Esses lugares paradisíacos serviriam também como locais selvagens, onde o homem pudesse refazer as energias gastas na vida estressante das cidades e do trabalho monótono. Parece realizar-se a reprodução do mito do paraíso perdido, lugar desejado e procurado pelo homem depois de sua expulsão do Éden. Esse neomito, ou mito moderno, vem impregnado, no entanto, do pensamento racional representado por conceitos como ecossistema, diversidade biológica etc. Como afirma Morin (1986), o pensamento técnico-racional, ainda hoje se vê parasitado pelo pensamento mítico e simbólico.

A existência de um mundo natural selvagem, intocado e intocável faz parte, portanto, desses neomitos. Como afirma Ellen (1989), entretanto, a natureza em *estado puro* não existe, e as *regiões naturais* apontadas pelos biogeógrafos usualmente correspondem a áreas extensivamente manipuladas pelos homens.

Esse neomito, no entanto, foi transposto dos Estados Unidos para países do Terceiro Mundo, como o Brasil, onde a situação é ecológica, social e culturalmente distinta. Nesses países, mesmo nas florestas tropicais aparentemente vazias, vivem populações indígenas, ribeirinhas, extrativistas, de pescadores artesanais, portadores de uma outra cultura (chamada neste trabalho de *tradicional*), de seus mitos próprios e de relações com o mundo natural distintas das existentes nas sociedades urbano-industriais. Ora, a legislação brasileira que cria os parques e reservas prevê, como nos Estados Unidos, a transferência dos moradores dessas áreas, causando uma série de problemas de caráter ético, social, econômico, político e cultural.

O Brasil é um país que apresenta grande variedade de modos de vida e culturas diferenciadas que podem ser considerados "tradicionais". Além disso, existe grande diversidade de tribos e povos indígenas, com mais de duas centenas de línguas diferentes. Ainda que estes últimos estejam incluídos entre as "populações tradicionais" (ver definição no Capítulo 8), não são objeto deste estudo. Grande parte das populações indígenas vivem em reservas, com uma legislação própria diferente da que rege as áreas naturais conservadas. No entanto, alguns grupos indígenas dispersos vivem hoje na periferia ou dentro das unidades de conservação.

As populações e culturas tradicionais não-índigenas, são, de forma geral, consideradas "camponesas" (Queiroz, 1973), e são fruto de intensa miscigenação entre o branco colonizador, o português, a população indígena nativa e o escravo negro. Elas incluem os "caiçaras" que habitam o litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná; os "caipiras", dos estados do sul; os habitantes de rios e várzeas do Norte e Nordeste (os vargeiros); as comunidades pantaneiras e ribeirinhas do Pantanal Mato-grossense; os pescadores artesanais, como os jangadeiros do litoral nordestino; as comunidades de pequenos produtores litorâneos açorianos de Santa Catarina etc. São populações de pequenos produtores que se constituíram no período colonial, freqüentemente nos interstícios da monocultura e de outros ciclos econômicos. Com isolamento relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica, com sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra. Essa grande diversidade cultural, entretanto, não tem sido adequadamente estudada pelos etnólogos e antropólogos, pois, como avalia Manuel Diegues Jr. (1963), até recentemente, a preocupação maior tem sido o estudo das etnias indígenas. Este autor, apesar de criticado pela utilização do conceito de "área cultural", foi um dos primeiros a chamar atenção para a necessidade do estudo das culturas brasileiras não-índigenas. Influenciado, de certa maneira, pelo "determinismo geográfico", Manuel Diegues Jr. (1960) afirma que:

"De fato, a diversidade de aspectos fisiográficos do Brasil, tanto do clima como de vegetação, de recursos naturais como de solo é que levaram a colonização a seguir o processo de utilização do meio — ou do que se encontrava neste meio ou do que ele possibilitava — para a fixação dos grupos humanos. Criaram-se assim formas ativas de adaptação do homem ao meio, o que Max Sorre chamou de gêneros de vida. E tais formas de adaptação representam justamente o processo de relações que se estabelecem entre o homem e o meio — não o meio restritamente físico mas

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

